

O conhecimento de professoras de educação infantil sobre o papel do fonoaudiólogo na escola.

The knowledge of kindergarten teachers about the role of the speech therapists in the school

Denise Maria Zaratini Fernandes, Camila Lima Nascimento, Maria Cecília Marconi Pinheiro Lima, Ivani Rodrigues Silva

Como citar este artigo:

Fernandes, DMZ; Nascimento, CL; Lima, MC; Silva, IR. O conhecimento de professoras de educação infantil sobre o papel do fonoaudiólogo na escola. Revista Saúde (Sta. Maria). 2019; 45(1).

Autor correspondente:

Nome: Denise Maria Zaratini Fernandes
Código ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3973-9032>
E-mail: denise_zaratini@yahoo.com.br
Telefone: (19) 988191654
Formação Profissional: Fonoaudióloga, mestra pela Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP, Campinas, SP, Brasil.
Filiação Institucional: Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP

Link para o currículo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9377740570337664>

Endereço para correspondência:

Rua: Antônio Sachi nº: 351;
Bloco Magnólia Apto 11 Bairro:
Chácara da Barra Cidade:
Campinas Estado: São Paulo
CEP: 13090 - 751.

Data de Submissão:

25/05/2018

Data de aceite:

07/04/2019

Conflito de Interesse: Não há conflito de interesse



RESUMO

Objetivo: Compreender o conhecimento de professoras de educação infantil sobre o trabalho do fonoaudiólogo escolar. **Métodos:** Com base em um roteiro com três questões abertas foram realizadas entrevistas com sete professoras de educação infantil, a fim de conhecer a visão de tais profissionais sobre a atuação fonoaudiológica na escola. O estudo foi aplicado em uma instituição de educação infantil de um município do interior do estado de São Paulo. Todas as entrevistas foram registradas em áudio, transcritas na íntegra e os dados trabalhados por meio da Análise de Conteúdo. **Resultados:** Os resultados obtidos sugerem que, na visão desse grupo de professoras, as possibilidades de atuação fonoaudiológica dentro do ambiente escolar são restritas aos cuidados vocais dos próprios professores e a ações de correção de problemas de fala nas crianças em sala de aula. **Conclusão:** Para este grupo de professoras, o fonoaudiólogo é visto como um profissional exclusivo da área da saúde que ao atuar dentro da escola irá trabalhar prioritariamente com as questões vocais do professor e em ações isoladas com os alunos, indicando uma visão restrita das possibilidades de atuação deste profissional no âmbito escolar.

Descritores: Fonoaudiologia; Educação infantil; Capacitação de Professores.

ABSTRACT

Objective: To understand how knowledgeable a group of kindergarten teachers are about the speech therapist role in the school setting. **Methodology:** based on a predefined interview containing three open-ended questions aimed to understand their vision regarding the speech therapy practice in school. Seven kindergarten teachers answered the interviews. The study was conducted in a kindergarten school in a city of São Paulo state. All interviews were recorded in audio, fully transcribed, and the data were analyzed by Analysis of Content. **Results:** The obtained results suggest that, according to the analyzed group of kindergarten teachers, the speech therapy role in the school environment are restricted only to vocal care of professors and to speech correction with students in the classroom. **Conclusion:** The interviewed group of teachers sees the speech therapist as a professional exclusively dedicated to healthcare that, when working in the school, will primarily treat vocal issues of professors and will conduct isolated actions with students. Therefore, it indicates a restricted understanding of all work possibilities of speech therapists in the school setting.

Keywords: Speech, Language and Hearing Sciences; Child Rearing; Teacher Training

Introdução

No início da profissão, na década de cinquenta, os fonoaudiólogos eram chamados de ortofonistas, palavra de origem francesa que significa “dizer corretamente” ou “bem falar”.¹ Estes profissionais tinham o dever de padronizar a Língua oficial do país, em nome de uma ideia de nação homogênea. Nas décadas de quarenta e cinquenta a atividade profissional teve início, com formação ligada ao curso de Magistério.²

Segundo a Lei 387 de 2010,³ compete ao fonoaudiólogo que atua na escola promover ações de educação dirigidas a população escolar nas diversas etapas do processo educacional, participar do planejamento educacional, além de elaborar projetos e ações voltadas para o desenvolvimento e habilidades dos alunos e da equipe. Este profissional pode desempenhar atividades relacionadas a promoção, aprimoramento e prevenção de questões relacionadas à comunicação.

Apesar de a Lei ter sido publicada em 2010³, a atuação do fonoaudiólogo em ambiente escolar ainda é bastante restrita, ficando responsável pela realização das triagens, dos encaminhamentos e de orientações. Esse profissional, geralmente, não compõe a equipe escolar, fazendo parte apenas de algumas reuniões, muitas vezes participando como voluntário. Além disso, o trabalho se resume a triagens e encaminhamentos para tratamentos fora do ambiente escolar ou orientações aos professores sobre determinadas alterações fonoaudiológicas. Entretanto, a atuação fonoaudiológica na área educacional não busca apenas detectar alterações da linguagem oral e escrita, mas sim, fornecer possibilidades para a otimização do desenvolvimento integral da criança, criando condições favoráveis e eficazes para que a aprendizagem e a potencialização do desenvolvimento humano possam ser exploradas ao máximo.

Embora a linguagem seja o foco da atuação, o Fonoaudiólogo Educacional ou Fonoaudiólogo Escolar encontra diversas situações-problema dentro do ambiente escolar, que englobam conhecimentos nas áreas da audição, motricidade orofacial e da voz. Além disso, por ser a escola um espaço dinâmico, o fonoaudiólogo se depara com questões que envolvem os aspectos de gestão escolar, tendo em vista que sua ação não pode ser desvinculada do projeto político pedagógico da escola.⁴ Desta forma, as ações neste campo de trabalho têm sido modificadas ao longo dos anos, o que antes era um processo pautado no processo de saúde-doença, hoje já caminha buscando a prevenção e promoção de saúde.⁵

Além disso, o fonoaudiólogo dentro do ambiente escolar busca a parceria com o professor, pois acredita que quando este tem conhecimento sobre o desenvolvimento normal de linguagem, fala e habilidades auditivas, por exemplo, consegue propor estratégias que auxiliem a aprendizagem dos alunos.⁶ A fonoaudiologia também tem uma relação antiga

com os professores devido a grande ocorrência de disfonias que esta categoria profissional apresenta. Com o passar do tempo, o foco do trabalho passou a buscar não apenas o trabalho individual com cada professor que apresentasse a queixa, mas também, com trabalhos coletivos focados na prevenção de alterações vocais.⁷

Objetivo

O objetivo do presente estudo foi compreender o conhecimento de um grupo de professoras de educação infantil sobre o trabalho do fonoaudiólogo escolar.

Materiais e Métodos

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa-CEP de uma Universidade pública, sob o parecer de número 736.939 de 22 de Julho de 2014.

As participantes do estudo são professoras de educação infantil de uma instituição, localizada no interior do estado de São Paulo. O programa de educação infantil é constituído por 10 agrupamentos contendo em médias 32 crianças na faixa etária de 2 a 5 anos. A equipe pedagógica é composta por 7 pedagogas e o referido instituto conta ainda com a atuação de uma fonoaudióloga que realiza ações de prevenção e promoção de saúde junto à equipe escolar.

O programa de fonoaudiologia escolar da instituição é composto por dois momentos, sendo um direcionado às atividades ministradas pela fonoaudióloga com os alunos em sala de aula, com participação da professora e outro com trabalho de formação e capacitação com a equipe escolar.

As atividades desenvolvidas em sala de aula ocorrem uma vez por semana, no período de uma hora, os alunos são divididos em dois grupos, a fim de facilitar a dinâmica e a participação nas atividades. Já as formações ocorrem uma vez por semana com duração de uma hora, os funcionários foram divididos em pequenos grupos, com cerca de 10 pessoas cada. Nestes encontros foram abordados temas como: saúde vocal, audição, hábitos deletérios e desenvolvimento de linguagem.

Desta forma, participaram do estudo 7 professoras de educação infantil, com idades entre 27 a 46 anos, todas formadas em pedagogia, destas, 3 cursaram o magistério anteriormente e 2 possuem pós-graduação em psicopedagogia. O tempo de atuação em sala de aula variou de 3 a 26 anos.

A entrevista foi utilizada como ferramenta de pesquisa, buscando compreender a visão deste grupo de professoras a respeito da atuação do fonoaudiólogo dentro do ambiente escolar. O critério de inclusão adotado foi que as participantes deveriam assinar o termo de consentimento livre e esclarecido- TCLE e lecionar no programa de educação infantil do referido instituto durante a execução da pesquisa.

Desta forma, foram elaboradas 3 questões a fim de nortear a pesquisadora no momento da entrevista. Posteriormente, foram realizadas 2 entrevistas pré-testes com uma população semelhante à estudada.

As professoras foram convidadas a participar do estudo e após uma breve explanação sobre seus objetivos, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

As entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade de cada professora, todas foram áudio gravadas por meio do gravador de som contido no notebook Samsung RV411 e transcritas na sequência.

Algumas perguntas nortearam as entrevistas, tais como:

- 1)- Você já havia trabalhado com o profissional fonoaudiólogo?
- 2)- Você conhece o trabalho deste profissional? Caso conheça, comente um pouco sobre seu trabalho.
- 3)- Você conhece sobre as áreas em que este profissional atua?

Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas na íntegra, compondo assim o corpus do trabalho. Para tratamento dos dados coletados foi utilizada a Análise de Conteúdo que é um conjunto de técnicas de análise de comunicações que pode ser aplicado em discursos diversos buscando compreender as características, estruturas ou modelos que compõe fragmentos de mensagens em questão. ^{8,9}

Resultado e discussão

Com relação à primeira pergunta apenas a professora 3 referiu contato prévio com fonoaudiólogo, pois atuou por alguns anos em uma instituição de educação especial para surdos, que contava com a presença deste profissional, pois buscava-se a reabilitação auditiva e a oralização do surdo. Neste contexto, o profissional deveria enfatizar sua atuação com palestras e orientações ligadas às dificuldades especiais que a escola atendia. Além disso, o planejamento terapêutico também seria elaborado pelo fonoaudiólogo, levando em consideração as dificuldades das crianças em questão, não apenas no caráter profilático, mas terapêutico também. ¹⁰

As demais participantes responderam que não haviam trabalhado anteriormente em instituições educacionais que contassem com a presença de um fonoaudiólogo em sua equipe escolar. Foi possível constatar que apesar da fonoaudiologia educacional ser considerada uma especialidade dentro da fonoaudiologia desde 2010, ainda é raro que este profissional componha o quadro de profissionais dentro de uma instituição educacional.

Talvez isso ocorra devido à presença do fonoaudiólogo dentro da escola ainda sofrer certa resistência por parte dos profissionais da escola e também por tais profissionais não conhecerem o trabalho do fonoaudiólogo dentro do ambiente escolar. Desta forma, é importante que o fonoaudiólogo se envolva com o processo educacional diretamente, divulgando suas possibilidades de atuação. Outro ponto a ser considerado é que não há uma legislação vigente que garanta a contratação de fonoaudiólogos pelas escolas, tanto públicas, como particulares, desta forma, a presença desse profissional em âmbito escolar fica restrito.

Professora 1:

“Não, nunca tinha ouvido falar [que tinha em escola] Porque eu tenho a visão [desse profissional trabalhando] no hospital”.

Professora 2:

“Não tive contato, [achei] que só tinha em clínica”.

Professora 3:

“Sim, [tive contato] na escola de educação especial. O trabalho [feito] com os surdos faz todo sentido [...]”

Professora 4:

“Nunca tive [...] eu achava que era só para ajudar a criança a melhorar a fala, não imaginava [que tivesse] fono na escola.”

Professora 5

“Não, achava que era mais clínico. [...] voltado pra audição.”

A respeito da segunda questão: “Você conhece o trabalho desse profissional? Caso conheça, comente um pouco sobre isso.” Foi possível observar que todas as participantes conheciam o trabalho do fonoaudiólogo e referiram ligação entre a fonoaudiologia e o uso da voz, como exemplificado abaixo:

Professora 1:

Tenho referência da fono só com a voz mesmo. [...] a fonoaudióloga da voz [...] Quando entrei aqui no Instituto coincidiu de eu ficar com a voz ruim e a gente teve um curso de Saúde Vocal para melhorar a voz e foi o que me ajudou bastante com as questões da voz.

Professora 3:

[A fonoaudióloga] ensina a usar a voz, os exercícios que a gente deve fazer como o aquecimento, o desaquecimento, o uso correto, [...] a gente passou a conhecer o próprio corpo [...] cuidar mais.

Professora 4:

[O fonoaudiólogo] Ajuda a gente a como usar a voz [...] não gritar, não pigarrear [...] O tom certo no contar a história, eu aprendi isso [...] como também aquecer as cordas vocais. [...] eu passei no concurso da prefeitura, mas fui barrada. [...] fiz aquele exame [laringoscopia] e constatou que eu tenho uma fenda aí quando eu fui levar para o médico ele falou que eu tinha que fazer um tratamento com a fono.

Professora 5:

[O fonoaudiólogo] trabalha com a voz do professor, [...] eu acho que com o trabalho [dentro da escola] tem que ser mais voltado pra voz, na minha concepção. [...] muitos professores [são] afastados por calo, rouquidão porque não cuida da voz, grita o tempo todo [...]

Professora 7:

[...] eu percebi um grande diferencial na voz, porque eu sempre falei muito baixo [...] agora, trabalhando com tantas crianças, é muito barulho, eu percebi rouquidão, comecei a falar mais alto. [...] com os cursos daqui, foi onde eu ampliei, fui buscar a fono.

Como relatado pelas entrevistadas, houve uma referência unânime sobre o trabalho do Fonoaudiólogo com a voz. O grupo pesquisado participou das formações realizadas na instituição, sendo que um dos temas abordados foi saúde vocal. Uma vez que as respostas das entrevistadas evidenciaram um conhecimento aprofundado sobre a atuação fonoaudiológica na saúde vocal dos professores, há um indício de que essa participação tenha colaborado para o entendimento sobre a atuação da Fonoaudiologia nessa área.

Observa-se que as professoras demonstraram a necessidade e o interesse da atuação do Fonoaudiólogo no

ambiente escolar, principalmente no que diz respeito aos distúrbios da comunicação. O programa de formação, realizado na instituição, com a abordagem do tema em saúde vocal demonstrou ter um impacto mais profundo na percepção desse grupo de professoras sobre as práticas fonoaudiológicas no campo educacional do que o trabalho diário dentro da unidade escolar, em sala de aula, com a presença desse profissional.

Algumas autoras⁶ referem que a orientação realizada aos professores deve ser pautada em um processo de formação consciente e refletida, a fim de fornecer informações sobre o desenvolvimento normal, bem como das características dos distúrbios da comunicação e de suas manifestações, que também podem ser observadas em sala de aula.

Desta forma, a ação fonoaudiológica mais marcante para o grupo pesquisado foi aquela que impactou diretamente em sua qualidade de vida, sendo, por isso, incorporada com mais facilidade pelos sujeitos. Já as ações relacionadas ao desenvolvimento infantil foram menos assimiladas, pode ter influência da visão do professor de que tais ações sejam exclusivas da área da fonoaudiologia.

Sabe-se que é frequente a ocorrência de distúrbios vocais entre professores, por possuírem demanda vocal intensa, utilizar ambientes nem sempre adequados, além da presença de múltiplos fatores intercorrentes relacionados à organização de seu trabalho. É considerado Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho (DVRT) qualquer forma de desvio vocal diretamente relacionado ao uso da voz durante a atividade profissional que diminua, comprometa ou impeça a atuação e/ou comunicação do trabalhador.¹¹

Um dos agravantes para a voz do professor é o ruído ambiental, que pode estar presente de diversas formas: externos aos prédios das instituições provindos das ruas que as cercam; externos às salas de aula provenientes dos pátios, corredores, salas vizinhas, campainhas, telefones, manutenção dos prédios; internos à sala de aula, decorrentes da fala das crianças e de ruídos de equipamentos como ventiladores, televisões e aparelhos de som.¹² Ambientes ruidosos levam o professor a falar em intensidade mais alta e a aumentar sua demanda vocal, o que pode acarretar desgastes nas estruturas de fonação e produzir, com o decorrer do tempo, alterações vocais. Neste contexto, o ambiente de trabalho do professor pode ser considerado inadequado.¹³

É comum que professores se queixem da dificuldade para falar em intensidade mais alta e de serem ouvidos e/ou compreendidos em ambientes ruidosos.¹⁴

O distúrbio de voz pode levar o professor ao adoecimento, o absenteísmo, a redução de atividades ou interações sociais, interferências negativas no desempenho de seu trabalho e dificuldades de relacionamento com os pares. Esses

acometimentos vocais podem resultar em um impacto de ordem social, econômico, profissional e pessoal, ocasionando até mesmo o afastamento do professor de seu exercício profissional.¹⁵ Muitas vezes esses profissionais apresentam dificuldades para identificar alterações vocais. Além disso, durante sua formação, não são orientados sobre as questões vocais, ministrando aulas sem apresentar os cuidados mínimos e básicos para evitar a ocorrência de disfonias.¹⁶

A respeito da falta de orientação sobre o uso da voz, pesquisadores americanos compararam questões vocais de professores e não professores, evidenciando que os professores apresentam mais sintomas vocais - percepção de mudanças na qualidade vocal após uso intenso da voz e de limitações profissionais por causa da voz – quando comparados com o grupo de não professores.¹⁷

Professora 7

[...] eu chegava em casa com a garganta super cansada, rouquidão toda sexta-feira, ficava muito rouca mesmo. Até que comecei a ter esse contato direto com a fono [então] eu recebi orientação, instrução [...] Foi no curso que eu aprendi, ajudou bastante.

É possível observar a importância da atuação fonoaudiológica ocupacional dentro do ensino básico e superior contribuindo para a discussão sobre o trabalho do professor, levando à sua transformação. Através dessa atuação, pode-se propiciar o melhor exercício de suas competências, bem como sensibilizar sobre as situações de trabalho que podem ter uma interferência negativa em sua saúde, pois os distúrbios vocais podem ser determinados ou agravados por fatores externos, organizacionais, ambientais ou comportamentais do indivíduo, em que a sobrecarga no labor pode ser um desses fatores.¹⁸

Distúrbios vocais podem ter diversos impactos negativos na voz profissional, limitando a expressão vocal e emocional, causando estresse e ansiedade ao trabalhador, podendo também propiciar riscos à sua atuação.¹⁶

Trata-se, portanto, de uma categoria profissional em frequente risco para desenvolver distúrbio de voz e outros agravos inerentes ao ambiente de trabalho, o que tem demandado atenção dos pesquisadores para que se compreendam melhor tais aspectos, além de promover o bem estar entre os professores.¹⁹ Devido à necessidade evidente de cuidados com a saúde vocal dessa categoria, muitas propostas têm sido realizadas com esse enfoque em detrimento de outras possibilidades de atuação do fonoaudiólogo no âmbito escolar.

Desta forma são necessárias ações que levem à efetiva diminuição da disfonia na categoria docente, de preferência ao longo de sua formação profissional, com ações focadas na prevenção e promoção de saúde voltada ao coletivo.²⁰ A formação dos professores, assim como todas as outras, segue o modelo de racionalização dos currículos,

em que os saberes são cuidadosa e rigorosamente especificados e medidos como se fosse uma fábrica em que cada setor se ocupa apenas de uma finalidade, especificando seus objetos de estudo.²¹

Dessa forma, propostas estruturadas acerca de outros temas relacionados à prática fonoaudiológica na escola voltada para os alunos podem ter impacto positivo no conhecimento dos professores sobre as possibilidades de atuação desse profissional. Para isso é imprescindível desenvolver estratégias que contribuam para o real desenvolvimento das crianças e que partam da corresponsabilização dos diversos atores sociais envolvidos no contexto escolar.

Com relação à terceira pergunta: “Você conhece sobre as áreas em que este profissional atua?” foi possível observar que na visão desse grupo de professoras a escola não é um campo de atuação para o fonoaudiólogo, que este é o profissional da área da saúde que atua com as questões ligadas à surdez, na reabilitação do aluno surdo, ou com distúrbios da comunicação como trocas na fala e gagueira.

Professora 1:

Tenho referência da fono só com a voz [...] Eu fiquei em dúvida, o que será que faz na escola? Porque eu tenho a visão do hospital, então o que será que vai fazer na escola? Foi novidade [ter a presença da fonoaudióloga na escola]

Professora 2:

Eu sabia que a fono trabalhava com problema na fala, porque minha irmã gaguejava e indicaram, pediram pra minha mãe levar.

Professora 3:

[...] eu imaginava a fono sempre ligada a área da surdez [...] Quando ele [aluno surdo] usava o aparelho direitinho ele falava muito bem e com as terapias, mais ainda, eu podia conversar com ele normalmente, fazia a leitura labial, como é importante [a fono] na vida do surdo. [...] É estranho [ter a fonoaudióloga na educação infantil] é meio que se um médico tivesse aqui no nosso meio.

Professora 6:

[...] achei que só trabalhava com os surdos. Não sabia que tinha na escola [...]

As falas das professoras indicam algumas áreas que o fonoaudiólogo pode atuar como: linguagem, audição, voz, tais achados corroboram com os dados encontrados na literatura, pois é comum que as pessoas procurem o

atendimento fonoaudiólogo por terem algum problema, ou por serem encaminhadas por outros profissionais da saúde ou da educação. Em um estudo a respeito do conhecimento que acompanhantes de pacientes de uma clínica escola de Fonoaudiologia têm sobre a atuação desse profissional, foi possível observar uma percepção restrita em relação a atuação do fonoaudiólogo e o que este pode oferecer à população quanto a promoção de saúde e prevenção de agravos, sendo que a maioria dos participantes respondeu que o fonoaudiólogo é quem trabalha com a fala e a audição, visando melhorar a comunicação, a qualidade de vida e o relacionamento social do indivíduo.²²

Em outro estudo realizado com 50 professores de primeira a quarta série da cidade de Bauru a respeito do conhecimento quanto aos distúrbios de leitura e escrita os professores entrevistados apresentaram dificuldades para conceituar o que é a fonoaudiologia, reconhecem que o fonoaudiólogo tem um papel a ser desempenhado dentro da escola, no entanto, esta visão é voltada para a patologia, ou seja, sobre o atuar clínico.²³

Além disso, observa-se que mais uma vez a presença do fonoaudiólogo dentro do ambiente escolar é pouco conhecida e muitas vezes relacionada à algum problema e/ou patologia, como marcado na fala da Professora 1:

[...] Eu fiquei em dúvida, porque eu tenho a visão do hospital, então o que será que vai fazer na escola?

A literatura refere sobre a importância de a fonoaudiologia assumir uma posição diferente, não voltada apenas para a doença, mas também para a promoção de saúde²⁴. O conceito de promoção de saúde está relacionado ao crescimento das políticas de saúde. Assim, promover saúde, significa fornecer meios para que os indivíduos adquiram saúde por meio de recursos de sua própria comunidade. Isso implica em mudanças nas condições sociais, ambientais, culturais, econômicas, dentre outras, ou seja, trata-se de um olhar que integra aspectos de educação e de saúde, para fins de melhores condições de vida e de sustentabilidade. Isso explica o crescimento das ações de educação em saúde, compreendidas como processos educativos essenciais para a melhora da qualidade de vida da população, dentro de suas possibilidades e particularidades.²⁵

Sendo assim, é importante que estratégias sejam desenvolvidas dentro do ambiente escolar a fim de valorizar, bem como divulgar a atuação fonoaudiológica dentro da escola. Além disso, é necessário que outros estudos sejam realizados no sentido de compreender como a Fonoaudiologia é apresentada a profissionais de Educação para que sejam construídas estratégias efetivas que facilitem o trabalho em conjunto, trazendo impacto positivo tanto para os alunos, como para os próprios professores, buscando assim maior inserção deste profissional dentro do segmento escolar.

Conclusão

Foi possível observar que para este grupo de professores, o fonoaudiólogo é visto como um profissional da

área da saúde que atua dentro da escola prioritariamente com as questões vocais do professor e com ações isoladas com os alunos, com objetivo de trabalhar com os distúrbios e problemas instalados. Sendo assim, é necessário que haja ampliação desse olhar com a implementação de ações estruturadas em parceria com os professores de forma corresponsável almejando assim ações de prevenção e promoção de saúde em diversas áreas.

Referências:

1. Cardoso JL. Dialogismo e Fonoaudiologia: a intersubjetividade na clínica. [Tese de Mestrado]. Rio Grande do Sul- UFRG, Programa de Pós-Graduação em Letras; 2002.
2. Cavalheiro MTP. Trajetória e possibilidades de atuação do fonoaudiólogo na escola. In: Lagrotta MGM, César CPHAR. A fonoaudiologia nas instituições. São Paulo: Editora Lovise; 1997. p. 81-87.
3. Conselho Federal de Fonoaudiologia Resolução 387 de 18 de Setembro de 2010 [Internet] [citado em 14 de Outubro de 2016]. Disponível em: http://www.valorjuridico.com.br/legislacao/resolucao387_2010.htm.
4. Oliveira JP, Schier AC. Suportes para a atuação em fonoaudiologia educacional. Rev. CEFAC [Internet]. 2013 June [cited 2018 May 12]; 15(3): 726-730. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-8462013000300026&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462013000300026>.
5. Celeste LC, Zanoni G, Queiroga B, Alves LM. Mapeamento da Fonoaudiologia Educacional no Brasil: formação, trabalho e experiência profissional. CoDAS [Internet]. 2017 [cited 2018 May 11]; 29(1): e20160029. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-17822017000100309&lng=en. Epub Mar 09, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20172016029>.
6. Carlino FC, Denari FE, Costa MPR. Programa de orientação fonoaudiológica para professores de educação infantil. Distúrb Comum [Internet]. 2011. [cited 2018 May 18]; 23(1):15. Available from: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/8039/5902>
7. Simões M. A Voz do Professor - Histórico da Produção Científicas de Fonoaudiólogos Brasileiros sobre o Uso da Voz nessa Categoria Profissional. In: Ferreira LP, Oliveira SMRP. Voz Profissional: produção científica da fonoaudiologia brasileira. São Paulo: Ed Roca; 2004.p.1-9.
8. Bardin, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.p.229.
9. Câmara RH. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Gerais, Rev.

Interinst. Psicol. [Internet]. 2013 Jul [cited 2018 May 24]; 6(2):179-191. Available from://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt.

10. Ribeiro ANR. Atuação Fonoaudiológica em escolas [Internet]. Monte Carmelo: FUCAMP; 2002. (Cadernos FUCAMP; 1). [cited 2018 May 22]. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/wp-content/uploads/2010/10/8-Atua%23U00c3%23U00a3ofonoaudiol%23U00c3%23U00b3gica-em-escolas-Adriana.pdf>11.

11. Ferreira LP, Martz MLW. Distúrbio de voz relacionado ao trabalho: a experiência dos Cerest. Bepa [Internet]. 2010 [cited 2018 May 22]; 7(76):13-19. Available from: http://www.pucsp.br/laborvox/dicas_pesquisa/downloads/disturbio_voz_cerest.pdf

12. Guidini RF, Bertencello F, Zanchetta S, Dragone MLS. Correlações entre ruído ambiental em sala de aula e voz do professor. Rev. soc. bras. fonoaudiol. [Internet] 2012 Dec [cited 2018 May 24]; 17(4): 398-404. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-80342012000400006&lng=en.

13. Behlau M, Dragone ML, Nagano L. A voz que ensina: o professor e a comunicação oral em sala de aula. Rio de Janeiro: Revinter; 2004.

14. Servilha EAM, Roccon PF. Relação entre voz e qualidade de vida em professores universitários. Rev. CEFAC [Internet]. 2009 Sep [cited 2018 May 24]; 11(3): 440-448. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462009000300011&lng=en.

15. Simões M, Latorre MRDO. Prevalência de alteração vocal em educadoras e sua relação com a auto-percepção. Rev Saúde Pública [Internet]. 2006 Dec [cited 2018 May 24]; 40(6):1013-8. Disponível em: http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102006000700008&lng=en

16. Souza MT. Distúrbio de voz relacionado ao trabalho. 14º Seminário de voz da PUC-SP; 2004 Nov. 05; São Paulo, São Paulo. p. 21.

17. Santana PCCM, Goulart GNB, Chiari MB. Distúrbios da voz em docentes: revisão crítica da literatura sobre a prática da vigilância em saúde do trabalhador. J. Soc. Bras. Fonoaudiol. [Internet]. 2012 [cited 2018 May 24]; 24(3): 288-95. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jsbf/v24n3/v24n3a16.pdf>

18. Alves LA, Robazzi MLCC, Marziale MHP, Felipe ACN, Romano CC. Alterações da saúde e a voz do professor, uma questão de saúde do trabalhador. Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]. 2009 Aug [cited 2018 May 22]; 17(4): 566-572. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-1692009000400020&lng=en. 19.

Distúrbios da voz em docentes: revisão crítica da literatura sobre a prática da vigilância em saúde do trabalhador. . Rev. soc. bras. fonoaudiol. [Internet]. 2012 [cited 2018 May 22]; 24(3):288-95. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/jsbf/v24n3/v24n3a16.pdf>

20. Luchesi FK, Mourão FL, Kitamura S. Ações de promoção e prevenção à saúde vocal de professores: uma questão de saúde coletiva. Rev. CEFAC. [Internet]. 2010 [cited 2016 Out 14]; 12(6): 945-953. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v12n6/197-09.pdf>

21. Silva TT. Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2010.

22. Pimentel AGL, Lopes- Herrera SA, Duarte TF. Conhecimento que acompanhantes de pacientes de uma clínica-escola de Fonoaudiologia tem sobre a atuação fonoaudiológica. Rev. soc. bras. fonoaudiol. [Internet]. 2010 [cited 2018 May 22];15(1):40-6. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v15n1/09.pdf>

23. Fernandes GB, Crenitte PAP. O conhecimento de professores de 1ª a 4ª série quanto aos distúrbios da leitura e escrita. Rev CEFAC. [Internet]. 2008 [cited 2018 2017 Nov 10];10(2):182-190. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v10n2/a07v10n2.pdf>

24. Penteado RZ. Escolas promotoras de saúde: implicações para a ação fonoaudiológica. Rev Fonoaudiol Brasil. 2002; 2(1): 28-37.

25. Oliveira JP, Schier AC. Suportes para atuação em fonoaudiologia educacional. Rev. CEFAC. [Internet].2013 [cited 2018 May 22]; 15(3):726-730. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462013000300026&lng=en.